



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

ENTRELAÇAMENTOS ENTRE MÚSICA, COMUNICAÇÃO POPULAR E RELAÇÕES DE GÊNERO: BREVES ASPECTOS.

Francimária Ribeiro Gomes.

Universidade Federal da Bahia. franriberogomes@gmail.com.

Resumo: O artigo traz reflexões sobre como a música, enquanto potência de ação comunicacional, pode vir a ser entendida como instrumento de comunicação popular a partir de processos de afetação com o contexto de quem as produz. A música ao ser afetada pelas relações de gênero, raça, classe, religiosidade, território e outros marcadores sociais, ganha uma dimensão não apenas de representação de subjetividades, mas também, de participação nas ações de mudança e de criação de realidades. Com o apoio de referenciais teóricos dos estudos de gênero, dos feminismos negros e decoloniais, da etnomusicologia e da comunicação, o artigo aborda os tensionamentos em torno da disputa de hegemonia dentro da cultura popular. E ainda, de como as mulheres negras tem estado na frente dessa trincheira ao trazer suas subjetividades em seus processos artísticos como forma de enfrentar o racismo e o patriarcado, potencializando a música como aliado na produção de uma comunicação popular. Essa hipótese é trabalhada a partir da investigação de campo realizada com Dona Dalva Damiana de Freitas e MC Jayne, que vivenciam suas experiências de protagonismo cotidiano através do samba de roda e do rap na cidade de Cachoeira, Bahia.

Palavras-chave: Música, Comunicação Popular, Relações de Gênero, Mulheres Negras.

Situando os contextos

O presente artigo traz um resumo das discussões e reflexões construídas na dissertação de mestrado intitulada *“Trânsitos musicais e comunicação popular: experiências de protagonismo de mulheres negra em Cachoeira, BA”*, em especial ao capítulo onde são articuladas reflexões sobre o processo de afetação entre música e relações etnicorraciais e de gênero, sendo categorias que potencializam formas, práticas e fazeres de comunicação popular. O referido trabalho foi realizado através do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da

Universidade Federal da Bahia
(PPFGNEIM/UFBA).

A pesquisa ¹foi realizada entre os anos de 2015 a 2017 tendo como campo a cidade de Cachoeira, distante 110 km da cidade de Salvador, BA, e teve como interlocutoras mulheres negras de diferentes gerações e que atuam como agentes da cultura popular na cidade. Através da etnografia, da observação participante e de entrevistas semi-estruturadas

¹ Para maior conhecimento do campo pesquisado, consultar: GOMES, Francimária. **Trânsitos musicais e comunicação popular:** experiências de protagonismo de mulheres negras em Cachoeira, BA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, UFBA/PPGNEIM 2017. 160f.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

como métodos de investigação científica, foram analisadas as trajetórias das interlocutoras, entrelaçando suas vivências individuais às lentes das interseccionalidades para entender como se estruturam as disputas de hegemonia no contexto da cultura local.

O objetivo do trabalho buscou entender como a música, enquanto mediadora das relações cotidianas das interlocutoras, apresentava um caráter de contra-hegemonia a partir de práticas, saberes e pelas experiências de protagonismo dessas mulheres, marcadas por relações de poder baseadas em gênero, raça, classe e geração, etc., que permitiam a associação a práticas de comunicação popular.

Cachoeira é uma cidade histórica e heróica, berço dos conflitos que iniciaram os caminhos de independência do Brasil em 1822 e da Bahia em 1823. De forte tradição cultural de matrizes africanas e de saberes populares ligados às ancestralidades negras, a cidade é um importante referencial para a cultura negra brasileira.

Uma das principais contribuições do Recôncavo para a cultura popular brasileira é, sem dúvida, o Samba de Roda. Gênero musical e manifestação popular que marca a identidade cultural das cidades da região, o Samba de Roda é hoje reconhecido como

patrimônio cultural imaterial da humanidade pela UNESCO (IPHAN, 2006), graças também aos esforços, trabalho, dedicação e amor de Dona Dalva Damiana de Freitas, matriarca do Samba de Roda Suerdieck, um dos grupos de samba de roda mais antigos do Recôncavo. Aos 91 anos, Dona Dalva Damiana é hoje uma das maiores referências do samba no país (GOMES, 2017)

Doutora Honoris Causa do Samba de Roda, título outorgado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em 2012 à sambadeira, só evidencia o prestígio e papel importante que essa mulher negra tem para a cultura popular brasileira. Mas, que esse próprio reconhecimento institucional foi marcado por uma intensa disputa hegemônica atravessada por marcadores sociais como gênero, raça, classe e geração.

Outra interlocutora acompanhada pela pesquisa foi a MC Jayne, que dentro do campo da cultura na cidade de Cachoeira, desponta como uma das representantes da nova geração de fazedoras da cultura da juventude. Aos 22 anos, Jayne Oliveira é, assim como Dona Dalva, cantora e compositora. Jayne é Mestre de Cerimônia (MC), mas começou seu caminho artístico como sambadeira mirim no grupo Flor do Dia, uma das criações de Dona Dalva para o



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

fortalecimento e manutenção do samba de roda como expressão artística da cidade.

Depois da experiência no samba de roda, Jayne se juntou a outros jovens assistidos em uma ONG para ter aulas de dança e música. Lá ela conheceu o universo do hip hop e segue suas andanças pelo mundo, entre a tradição e o moderno, através dos *beats* do rap. A jovem, assim como Dona Dalva, tem sentido na pele as tensões de ser uma mulher negra fazendo música. Desde apresentações sem pagamento de cachê até conflitos marcados especialmente pelo gênero, Jayne e Dona Dalva se mantêm na trincheira por acreditarem na arte como meio de vida.

Conhecê-las ao longo dos quatro anos que morei na cidade de Cachoeira me levou a observar e refletir sobre suas atuações enquanto artistas e como as práticas que elas executavam para divulgar seus trabalhos estavam bem longe de serem encaixadas numa perspectiva da cultura *mainstream* (HALL, 2008). Os principais meios de divulgação das apresentações tanto do samba de roda quanto das rodas de rap na cidade acontecem no popular “boca a boca”, quando não, por carros e motos de som.

Outra perspectiva tomou minhas reflexões quando, através dos estudos da

etnomusicologia, conheci o conceito de materialidade da música, desenvolvido pela pesquisadora Talitha Couto Moreira (2012) para explicar como a música, em processo de afetação por meio de experiências marcadas pelo gênero, gera uma instância de participação antes mesmo que de representação. Ela produz tanto materialidades quanto é dispositivo ou veículo de representação de subjetividades. A música com potência de comunicação *per se* (MOREIRA, 2012).

A música enquanto mediação e processo comunicacional

Enquanto expressão da arte junto a outras formas de linguagem, a música se constitui como mecanismo de vínculo e interação entre as/os sujeitos, está intrínseca à formação e desenvolvimento da sociedade e aos diversos conjuntos sociais coexistentes e se apresenta como característica da sociabilidade das/os sujeitos por estabelecer uma forma de diálogo entre elas/es. É interligada à função de comunicação que a música constitui uma atividade humana que “não pode ser entendida como uma ocorrência passível de ser separada dos processos culturais, mas integrada a eles” (GOMES;SANTOS, 2010, p.10).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Definida pelo etnomusicólogo Samuel Araújo, em alguns casos, como “comunicação sonora não-verbal” (ARAÚJO, 1999), é possível, nesse sentido, compreender a música como possuindo uma potência de ação, uma vez que constitui “uma esfera mais mundana do que ideal, podendo contaminar mais do que comunicar. Ela torna-se capaz, dentro dessa concepção, de criar, modificar, desestabilizar a condição dos seres que com ela interagem” (MOREIRA, 2012, p.71).

Assim, se torna mediadora da interação entre o sujeito com sua identidade cultural e o mundo exterior. A definição de identidade cultural desenvolvida por Stuart Hall (1999) para situar a concepção ao tema dentro da modernidade, se aproxima do entendimento da música com viés de emancipação e da ideia de que a identidade cultural das/os indivíduos é também influenciadora em seu processo de tomada de consciência e da formação de sujeitos. Enquanto ciência, a música se formata a partir de aspectos mnemônicos ou repetitivos, da sabedoria da memória para transmitir através dos mais variados sons as relações cotidianas, sendo ainda responsável pela possibilidade de criação e de recriação da vida em sociedade através da cultura e da comunicação.

Postulados de diferentes autores tanto do campo da comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2006; GABBAY, 2011,2013,2014) quanto da etnomusicologia (ARAÚJO, 1999; SEEGER, 2008; MOREIRA, 2012) já apontam as íntimas relações entre a comunicação e a cultura que permitem colocar a música enquanto comunicação. Isso se dá, principalmente pelos elementos, subjetivos e materiais, que são articulados entorno da produção musical. De acordo com Anthony Seeger, em diálogo com teóricos do campo da etnomusicologia, “[...] “uma definição geral da música deve incluir tanto sons quanto seres humanos. [...] John Blacking chamou a música de ‘sons humanamente organizados’” (SEEGER, 2008, p. 239).

Ainda de acordo com Seeger, a música é uma conceitualização humana “[...] é uma forma de comunicação, junto com a linguagem, a dança e outros meios”, (SEEGER, 2008, p. 239).

Soma-se a essa compreensão os modos de vida, relações socioeconômicas, culturais, políticas e discursivas constitutivas da vivência em coletividade, bem como visões de mundo, religiosidades, idade/geração, gênero, raça/etnia, entre outros marcadores sociais que nos permite situar a música como



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e

prática comunicacional. Tomando o conceito de hegemonia elaborado pelo filósofo italiano Antonio Gramsci, Jesús Martín-Barbero, um dos principais nomes dos estudos latinoamericanos de comunicação, a coloca “como um processo no qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus os das classes subalternas” e que em certa medida não há um processo estático, mas que a hegemonia “se faz e desfaz, se refaz permanentemente num ‘processo vivido’” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.112).

A partir disso o autor aponta para a necessidade de investigar a comunicação não apenas de forma fragmentada a partir dos meios, mas através de *mediações* entre os processos comunicacionais com o contexto que as/os sujeitos estão inseridos.

Isso consiste em compreender a articulação entre o ambiente onde as/os sujeitos se inserem, os aspectos comportamentais e subjetivos com aspectos sociais, políticos e econômicos que se interconectam e influenciam o processo comunicacional. Daí a necessidade, como aponta Martín-Barbero (2009), de ultrapassar a análise dos meios indo de encontro às mediações existentes nesse processo. “A *mediação* pode ser pensada como uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais e na vida

cotidiana das pessoas [...]” (LOPES, 2014, p.68).

Pensando que a comunicação ultrapassa a linguagem falada e escrita, podemos entender nesse âmbito de emissão – mensagem – recepção, a música como meio e linguagem de comunicação sonora. Enquanto campo de estudos que permite a transição de abordagem interdisciplinar, a música, tanto sua composição sonora quanto textual, a partir dessa perspectiva, tem seu potencial comunicacional colocado como *mediação* entre as/os sujeitos que por ela interagem.

Assim podemos associar tanto o samba de roda quanto o rap, gêneros musicais onde as interlocutoras se inserem, como mediadores de suas relações cotidianas. Se ampliarmos essa possibilidade a partir do entendimento polissêmico de ambas expressões musicais, tanto em seus sentidos políticos quanto culturais, elas se afirmam enquanto *mediações*, o que as colocam ainda como processos de comunicação. Isso é possível ao entender as *mediações* como “ [...] ‘lugar’ de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção” (LOPES, 2014, p.68).

Esses aspectos são perceptíveis na produção musical de Dona Dalva e MC Jayne, que em suas composições são evidenciadas através de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

vivências, elementos cotidianos do contexto social e geracional onde cada uma se insere.

A música enquanto mediação é pensada pelo diálogo que existe entre a produção e as demandas sociais coletivas de suas produtoras. Dessa maneira a música ultrapassa ainda o entendimento de mero veículo de expressão ou meio de comunicação. Ao produzir materialidade social pode ser entendida como comunicação *per se* (MOREIRA, 2013), de forma fluida e por meio da transitoriedade que marca as vivências das interlocutoras. A partir dos trânsitos musicais (DINIZ, 2011) existentes que a prática de comunicação popular se delinea.

Comunicação e Cultura Popular

O deslocamento dos estudos dos meios para *mediações*, proposto por Jesús Martín-Barbero e que modificou significativamente os estudos da comunicação, encontrou a ancoragem para pensar a interface das relações sociais em consonância com o processo comunicativo, especialmente a partir da temática das culturas populares. Em seu livro *Dos Meios às Mediações...* (2009), o autor decorre sobre a necessidade do deslocamento a partir das experiências de resistência e enfrentamento das culturas populares ao domínio hegemônico das sociedades elitizadas.

Enfatizando as dicotomias que foram construídas através dos processos de desenvolvimento das sociedades europeias, Martín-Barbero destaca as práticas das classes populares como formas de apropriação, tendo, sobretudo, a cultura como espaço de disputa hegemônica. Ao re-situar o “lugar” do popular assumindo-o como “parte da memória constituinte do processo histórico” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.98), o autor muda a perspectiva sobre a dinâmica do processo cultural, até então pensada a partir da ideia da cultura dominante.

Ao resgatar esse contraponto em sua pesquisa, ele coloca “a cultura popular [...] em uma dialética de permanência e mudança, de resistência e intercâmbio” (Idem, p.101). Ele então dá características históricas à cultura popular, que anteriormente era vista apenas como alegoria. A partir da historização, as diferenças culturais entre a classe dominante e a classe trabalhadora, detentora da cultura popular, passam a ser vistas como ameaças às relações de poder dominantes (MARTÍN-BARBERO, 2009).

“A luta em torno da cultura dos trabalhadores”, como coloca Stuart Hall, traz consigo ao longo do desenvolvimento histórico importantes mudanças e transformações “na base de qualquer estudo” quanto para a própria cultura popular. De acordo com o autor, é a partir da tradição



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

popular que a classe dos trabalhadores ganha terreno para trazer “questões da tradição e das formas tradicionais de vida”, e além de “luta e resistência”, é campo para transformações naturais como “apropriação e expropriação” acontecerem ao longo do desenvolvimento da vida social (HALL, 2008, p.231).

Assim como Martín-Barbero também aponta, Stuart Hall incide que a transformação cultural, ao mesmo tempo em que “algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas”, elas se sobrepõem durante o processo de modernização e persistem de um período a outro no contexto histórico em que se desenvolvem, “mantendo diferentes relações com as formas de vida dos trabalhadores e com as definições que estes conferem às relações estabelecidas uns com os outros” (HALL, 2008, p.232).

Dos motins exemplificados por Martín-Barbero, onde as ações se davam em âmbito de organização e criatividade cultural para a classe trabalhadora, as manifestações culturais exercidas em praças públicas se configuravam ainda como formas de pressionar a lógica de uma sociedade hegemonicamente hierarquizada a partir de uma classe economicamente dominante. Daí a característica de resistência das culturas populares, que muito além de expressão

cultural se colocava também como manifestação política de contestação.

Mesmo antes de conseguirem notoriedade enquanto manifestação popular, as rodas de samba organizadas por Dona Dalva e suas colegas de fábrica configuraram-se como manifestações livres de uma comunidade que ansiava por mudanças. Fundamentadas nas tradições ancestrais de outras mulheres negras e com relação direta de seus contextos cotidianos, as sambadeiras se organizaram enquanto grupamento que reunia uma série de interesses em comum e formaram o primeiro grupo de samba de roda da cidade de Cachoeira.

Conscientemente ou não, a organização que se centrava a partir da preservação de um saber ancestral e cultural acaba por ser também prática política de um coletivo que buscava trazer por intermédio da música e do saber popular, alegria e transformação para uma comunidade esquecida e marginalizada socialmente. Mulheres negras, pobres, trabalhadoras, com quase nenhuma ou baixa escolaridade traçaram a partir dos recursos que tinham em mãos o protagonismo necessário para fazer o enfrentamento de diversas questões que atravessam suas realidades.

Enquanto terreno em constante transformação, tensionamentos e de disputas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de poder, a cultura popular se reinventa conforme o contexto se expõe. Em vias de contemporaneidade a cultura popular em Cachoeira está em processo de negociação com as influências surgidas com a investida da cultura hegemônica. É desse contexto que o rap entra em adaptação com a cultura local, essa que se faz dentro de questões e práticas tradicionais.

Na trajetória artística de MC Jayne, o samba de roda ocupa um papel fundamental para seu reconhecimento enquanto mulher negra que carrega sua ancestralidade. Essa colocação se transparece em sua composição, quando traços de sua negritude são afirmados como orgulho e força. O rap, bem como o movimento hip hop surgem a partir de um contexto onde a classe trabalhadora eclode em busca de transformações. O rap se projeta como linguagem musical onde o conteúdo de seu discurso apresenta contestação e denuncia das desigualdades sociais resultantes das relações existentes numa sociedade segregada.

O potencial informativo que o rap possui e a potência comunicacional do samba de roda em ser estrato de organização coletiva, ambos a partir de contextos de resistência, eleva a música como formas de comunicação popular que potencializam a disputa de hegemonia a partir de ambientes contra-hegemônicos as

práticas se configuram a partir dos sentidos de comunidade e de saber popular.

Dessa maneira, situando tanto o samba de roda como o rap como expressões de uma cultura popular em constante transformação na qual uma e outra se conectam a um determinado período, pode-se perceber como cada uma apresenta características de mediação que as colocam como processos de materialização da vida social.

Materialidade da música e comunicação popular

De acordo com o etnomusicólogo Anthony Seeger, a música “é um sistema de comunicação que envolve sons estruturados produzidos por membros de uma comunidade que se comunicam com outros membros” (SEEGER, 2008, p.239). A comunicação como um direito humano ultrapassa a subjetividade das/os sujeitos, mas, sobretudo, é também uma realidade que interage com a estrutura da vida em sociedade.

Ao colocar a música como processo mediador comunicacional por suas características cotidianas, econômicas, sociais e por meio das dinâmicas culturais de uma determinada localidade, nesse caso, o contexto de Cachoeira, no recôncavo baiano, é possível percebê-la a partir de seus aspectos mundanos, o que a coloca como instância de materialidade, como apontou a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

etnomusicóloga Talitha Couto Moreira (2012). Ela parte desse pressuposto ao dialogar com a teoria do etnomusicólogo inglês Gary Tomlinson para defender que tanto a música quanto as relações de gênero são “passíveis de transformação ao contato mútuo” (MOREIRA, 2012, p.1).

Assim sendo, entender a música no limiar da perspectiva de ação comunicacional por sua instância de participação antes do que de representação possibilita pensar essa linguagem como um discurso (sonoro e textual) capaz de interagir com a realidade de suas produtoras, afetá-las e intensificar potencial de transformação tanto da linguagem quanto ser instrumento de protagonismo das mulheres negras, ao romper com a visão de que a música é apenas meio de expressão subjetiva, mas sendo também “dotada de uma realidade material” (Idem, 2012, p.111).

Pensando música e gênero como categorias transbordantes, Talitha Moreira abre precedentes que nos levam a afirmar a possibilidade de assumir a música como a própria comunicação por representar “uma potência desencadeadora de transformações a nível material nos seres” ao ser “compreendida como pertencente a uma instância mais material do que ideal ou metafísica” (MOREIRA, 2012, p. iv).

Ao colocar tanto a música quanto as relações de gênero como instâncias que ultrapassam a representatividade, mas que são também referentes à materialidade, a autora atribuiu a existência de um processo de interação e afetação entre ambas as esferas que só é possível ao compreender essas como não fixas. Assim como a categoria gênero, a música deve ser compreendida no contexto teórico trazido pela autora por sua capacidade interdisciplinar e por sua fluidez.

A teoria de Talitha Moreira trabalha com a música enquanto comunicação não apenas “entre sujeitos e indivíduos estáveis”, mas, sobretudo tendo as pessoas que participam desse ato comunicacional a partir de suas individualidades fluidas, o que permite visualizá-las por intermédio de elementos de suas cotidianidades e da vida em comunidade (MOREIRA, 2012, p. iv).

Referenciada na teoria acima exposta, é possível associar as experiências das interlocutoras, atravessadas em diferentes maneiras pela música enquanto, atos com potencial de comunicação. Por meio da diversidade dessas experiências, suas individualidades em fluidez e dos trânsitos musicais nos contextos locais aos quais se inserem podemos associar todos esses elementos tanto como mensagem e como formas de diálogo dentro de suas relações cotidianas.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Os atos comunicacionais associados a essas experiências retomam as práticas de comunicação popular, por se estabelecerem em instâncias que não dependem diretamente dos grandes meios hegemônicos de comunicação, mas acontecem a partir da produção própria dessas mulheres sem o aparato mercadológico e estrutural das grandes empresas de comunicação. Aparato esse que artificializa o processo comunicacional, já que não dá margem para uma real interação entre emissoras/es e receptoras/es.

A partir dos questionamentos que surgiram da forma verticalizada como os meios de comunicação massivos transmitiam a informação que começaram as teorizações em busca de se pensar uma outra forma de se fazer comunicação ou quais transformações os meios deveriam passar para se chegar em um fazer comunicacional horizontalizado. Daí surge a teoria da comunicação popular, em que se resgata o antigo conceito de comunicação, processo que surge “desde o povo, buscando expressar seus sentimentos e sonhos, porém também suas preocupações e denúncias²”, sentidos que inexistem nos meios massivos de comunicação (MARTÍNEZ;SERRANO, 2014, p. 33).

² “desde el Pueblo, buscando expressar sus sentires y sus sueños, pero también sus preocupaciones y denuncias” (Idem).

Assim, essa outra forma de fazer comunicação representa o “diálogo, comunidade, horizontalidade, um canal de via dupla, participativa e a serviço das maiorias³” (MARTÍNEZ;SERRANO, 2014, p. 33). De acordo com a doutora em Ciências da Comunicação, Cicilia Peruzzo, entende-se “a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e [...] como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares”, e que possui um “caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação (PERUZZO, 2008, p.368).

Ainda segundo a autora, ‘o adjetivo popular denotou tratar-se de “comunicação do povo”, feita por ele e para ele, por meio de suas organizações e movimentos emancipatórios visando à transformação das estruturas opressivas e condições desumanas de sobrevivência (2008, p.369), constituindo dessa maneira na construção de uma comunicação de caráter contra-hegemônico, multiplicando as experiências e as possibilidades comunicativas a partir de ideais utópicos libertários vindos dos movimentos sociais latino-americanos que trabalham com a perspectiva da soberania popular, tendo “o

³ “diálogo, comunidad, horizontalidad, um canal de doble vía, participativa y al servicio de las mayorías” (Idem).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

povo como gerador e protagonista” dessa comunicação (PERUZZO apud KAPLÚN, 2008, p.369).

Trabalhando com o conceito de comunicação popular gerativa, o pesquisador e doutor em comunicação Marcelo Gabbay atribui ao processo mediador da música, a partir de experiências cotidianas concretas de seu foco de pesquisa junto à comunidade Marajoara, no Pará e de grupos de Carimbó, a afetação de um processo comunicacional através da intersecção dos estudos da comunicação e da etnomusicologia. Segundo o autor, “a música formula um discurso social atravessado por uma rede de circunstâncias sociais, culturais, territoriais, econômicas, dentre outras” que geram práticas de comunicação popular (GABBAY, 2011, p.44).

Especialmente dentro do contexto pesquisado no trabalho que aqui apresento, em uma Cachoeira onde a cultura popular tradicional incide fortemente na formação da identidade cultural em constante transformação com os aspectos contemporâneos presentes na cidade, é possível perceber as práticas que levam ao protagonismo de mulheres negras a partir da música, em especial no Samba de Roda de Dona Dalva e nas experiências de MC Jayne a partir do rap.

Alguns dos resultados identificados

A música, as relações de gênero e a comunicação popular foram os campos articulados ao longo da pesquisa de mestrado, que teve como objetivo identificar nos protagonismos diários de duas das interlocutoras entrevistadas, Dona Dalva e MC Jayne, no samba de roda e no rap, respectivamente, práticas cotidianas de comunicação popular através da produção artística cultural em Cachoeira, cidade do Recôncavo baiano de importância histórica social e cultural para Bahia e para o Brasil.

A cidade, titulada como Heroica pelos processos políticos que ali aconteceram. Considerada como Monumento Nacional, Cachoeira sofreu um processo de decadência econômica causada pelos deslocamentos e mudanças no desenvolvimento do território baiano. Contudo, a história dos povos negros remanescentes fortaleceu sua imponente histórica e cultural, dando características pioneiras às ações encabeçadas pelas mulheres negras, principalmente através da cultura popular. A chegada da modernidade atravessou as tradições populares e marcou as novas gerações, colocando aspectos contemporâneos tecnológicos no cotidiano das novas gerações.

Nesse contexto presente tradição e modernidade se mesclam. A música, elemento cultural dos povos diáspora segue sendo produzida a partir de influências externas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

vindas com o processo de globalização, marcadas principalmente pelos meios de comunicação.

Entre tradição e modernidade, as interlocutoras se colocam como agentes primárias de comunicação popular através da música. Fazendo, criando, compondo, cantando, dançando e articulando grupos locais e regionais para o fortalecimento e crescimento mútuo. Emissoras e receptoras, comunicam em via de mão dupla mediadas pela música. Em seus cotidianos as práticas de comunicação popular se expressam em contra-comunicação, bem longe dos aparatos tecnológicos assistidos na comunicação hegemônica.

Assim, a comunicação popular é marcada pela contra-hegemonia de suas trajetórias, o que cria subsídios de interação com a comunidade a partir de meios próprios de comunicação popular. Seja a realização e participação de festas onde o samba de roda é a principal manifestação aos bailes de rap, a música já é a própria comunicação.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Samuel. **Brega, samba, e trabalho acústico**: variações em torno de uma contribuição teórica à etnomusicologia. *Revista Opus*. Rio de Janeiro: ANPPOM, n. 6, 1999.

BAIRROS, Luíza. **Nossos Feminismos Revisitados**. In: Dossiê Mulheres Negras – Matilde Ribeiro (org). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v.3 n. 3, 1995.

BARBOSA, Magnair Santos. **Cachoeira**: ponto de confluência do Recôncavo Baiano. In: Festa da Boa Morte. Cadernos do IPAC, 2. – Salvador: Fundação Pedro Calmon; 2010.

CARDOSO, Cláudia Pons. **História das mulheres negras e pensamento feminista negro**: algumas reflexões. *Fazendo o Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 2008. p. 1-7.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas**: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2012. Tese (Doutorado). 383f.

_____. **Amefricanizando o feminismo**: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. In: *Estudos Avançados*, 17(49), 2003.

CARVALHO, José Jorge de. **O olhar etnográfico e a voz subalterna**. *Revistas Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, nº 15, p. 107-147, julho de 2001.

COLLINS, Patricia Hill. **Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro**. Em: Jabardo, Mercedes (Org.). *Feminismos Negros: una antología*. Madrid, Traficante de Suenos, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado – Volume 31, Número 1* Janeiro/Abril 2016.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.** New York/London: Routledge, 2000.

CONCEIÇÃO, Edjanara Mascarenhas. **“Corre a roda mulher, corre a roda, o homem não sabe correr. Corre a roda mulher, corre a roda, a vida do homem é beber”:** identidades e performances de gênero nos grupos de samba de roda “Filhos do Paraguai/Segura Véia” e “Filhos de Dona Cadú”. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira: UFRB/PPGCS, 2016. 124f.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência:** aspectos da cultura popular no Brasil. Editora Brasiliense. 6a reimpressão. São Paulo – SP. 1996.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, 2000, pp. 171-188.

DINIZ, Flávia Cachinesi. **Capoeira Angola:** identidade e trânsito musical. Dissertação de Mestrado em Etnomusicologia. Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA/Escola de Música, 2011. 247f.

FREIRE, Rebeca Sobral. **Hip Hop feminista?:** convenções de gênero e feminismos no movimento hip hop soteropolitano. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, UFBA/PPGNEIM 2011. 171f.

GABBAY, Marcelo Monteiro. **Canção popular como processo comunicacional:** aproximações preliminares a partir do cotidiano marajoara. *Revista Mediações sonoras*. Vol.18, Nº 02, 2º semestre 2011.

GABBAY, Marcelo Monteiro. **A canção latino-americana como dispositivo de**

comunicação popular. Anais do XII Congresso da Associação Latinoamericana de Investigadores da Comunicação. ALAIC, Perú, 2014.

GABBAY, Marcelo Monteiro. **Para entender a música popular como comunicação:** a dimensão comunicacional do Carimbó de Soure (PA). Anais do MUSICOM: V Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Música Popular. Belém, PA, 2013.

GUERREIRO, Goli. **Terceira diáspora.** Culturas negras no mundo atlântico. Salvador: Corrupio, 2010.

GOMES, Francimária R.; SANTOS, Maria Goretti B.P. **Quando a música emancipa:** uma perspectiva estético-social da mulher através das rádios locais em Maceió/Alagoas. 2010. 46f. Monografia - Faculdade de Comunicação, Centro Universitário Cesmac. Maceió, 2010.

GOMES, Francimária R; ROSA, Laila. **Os processos de protagonismo de mulheres negras no Recôncavo da Bahia:** o samba de roda como mediador das relações cotidianas. In: Anais do V Seminário PPGCS/UFRB. Cachoeira, dez. 2015.

GOMES, Francimária. **Trânsitos musicais e comunicação popular:** experiências de protagonismo de mulheres negras em Cachoeira, BA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, UFBA/PPGNEIM 2017. 160f.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovick. Tradução de Adelaine La Guardia



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Resende... [et al]. 1ª]Ed atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

IPHAN. **Dossiê de registro do Samba de Roda do Recôncavo Baiano.** 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=723>> Acesso em: 22 de agosto de 2014.

LIMA, Caroline Barreto de. **Moda, músicas e feminismos:** os elementos sonoros e os marcadores sociais da diferença. 12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Mediação e recepção.** Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. In: *Revista Matrizes*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. São Paulo: v. 8. N.1. jan-jun. São Paulo: PPGOM/USP, 2014, p. 65-80.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações.** Comunicação, cultura e hegemonia. 6ª ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.

MARTÍNEZ, Luz A.R; SERRANO, Medhin T. **La voz que vuela:** uma guia prática para comunicadoras comunitárias. COMPPA – Comunicadores y Comunicadoras Populares por la Autonomia. Primera Edición. Mesoamérica, 2014.

MOREIRA, Talitha Couto. **Música, materialidade e relações de gênero:** categorias transbordantes. 177f. Dissertação de Mestrado, Escola de Música – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados.** Reelaborações no setor. Palavra Clave. Volumen 11. Número 2. Diciembre 2008.

SEEGER, Anthony. **Etnografia da música.** Tradução Giovanni Cirino. Cadernos de Campo, São Paulo, n.17, p.1-248, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1992.